



PÓS GRADUAÇÃO: A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS:
Abordagens poética, literária e performática

Só vivemos aquilo que um antepassado viveu

Fernanda Batista Santos

São Paulo

2018

Resumo:

Apresento aqui um relato de experiências. A oralidade, o legado deixado por meus ancestrais, a conspiração do universo a favor, a mistura de culturas de minha família e os desafios da vida foram a base estrutural para a construção da minha formação como contadora de histórias.

Palavras - chave: oralidade, história e música.

1. Só Vivemos Aquilo que um Antepassado Viveu

Minha professora de Étnicomusicologia Bernadete Moraes disse que vivemos algo que nossos ancestrais já haviam passado, me dei conta do sentido real dessas palavras quando iniciei Pós-graduação A Arte de Contar Histórias. Será este o meu rito de passagem?

Foi na graduação de musicoterapia onde ouvi sobre o autor Amadou Hampatê Bâ, sobre a tradição viva a tradição oral passada de geração em geração.

Nasci numa família pobre de negros, índios e brancos, minha ligação com os parentes é maior por parte de minha mãe, os que moravam perto em São Paulo, do que com a da parte do meu pai, na Bahia. Minha mãe sempre contava histórias que minha bisavó e avó contavam e causos da família que passaram muita necessidade. Meu pai quase não contava nada de sua vida, e de vez em quando ou nunca contava um caso de coisas que aprontava quando criança.

Minha bisavó contava histórias para entreter e acalmar a fome, histórias essas que deve ter ouvido nas casas dos senhores nas quais foi forçada a trabalhar, pois foi pega a laço aos treze anos no mato, assim como outros índios da Bahia.

À noite, no terreiro minha Bisavó, contava histórias para os filhos e netos e para a vizinhança que mal havia se alimentado, histórias como *Dom Varão, Isabel está dormindo* e outras, estas eram cheias de cantorias e com a velhice minha bisavó passou a ser as histórias começou a variar das idéias e surgiram vários causos como dos *Diabos*

dos santos, Passa dimonho, Pombo Jacinto e Sal no olho. Histórias que todos contam para crianças a minha mãe não contava. Cresci ouvindo estas histórias narradas por minha mãe que sempre narrou às histórias da minha bisavó e avó e suas histórias de infância.

Hoje sou da quarta geração que conto histórias, vivendo o que um de meus antepassados viveu. Minha Bisavó, avó e Mãe não tiveram riqueza, mas me deixaram o legado de contar histórias.

2. Minhas Primeiras Histórias

As histórias que aprendi, que não foram narradas por minha mãe, eu ouvia através de disco da coleção disquinho, ouvia *Branca de Neve, Pedro e o Lobo, A Moura Torta, O Velho o Garoto e o Burro e a Srª Bartinha* era tudo tão mágico e fantasioso. A outra forma em que conheci outras histórias foi à coleção de 12 livros, primeira aventura no mundo da fantasia este era o fascículo das histórias. Eu viajava na fantasia com as ilustrações simples, mas tinha algo de especial que não consigo explicar, passava horas a olhar estes livros e as suas ilustrações posso sentir até hoje o cheiro deles.

Lembro-me bem que minha família era mais ligada ao rádio que a TV, me lembro quando meu pai comprou um som “três em um” (rádio, vitrola e toca fitas) da Panasonic era do tamanho de uma carteira escolar (mesa) e eu ouvia discos de histórias da coleção disquinho do Braguinha e da turma da Mônica, as histórias sempre eram acompanhadas com música.

Era a casa regada de música e notícia, ouvíamos Altemar Dutra referência para mim de voz masculina, Angela Maria, Núbia Lafaette, Perla, ABBA, Luiz Gonzaga e outros eram músicas que quando pequena já eram antigas.

Em leitura eu não sabia ler minha mãe comprou destes vendedores de porta em porta, quando meu irmão tinha 5 anos e eu tinha 2 anos, a coleção de livros da editora verbo São Paulo edição 1976, um dos fascículos se chamava primeira aventura no mundo da fantasia, onde eu olhava as ilustrações e imaginava as histórias.

3. Histórias Para Dormir

Minhas primeiras narrativas se iniciaram na infância quando ia passar férias ou apenas uma visita em que precisa-se pernoitar, passava a noite contando histórias para minhas primas dormirem, porém elas diziam: “Eu ainda não consegui dormir, conta outra! “ Assim se varava a madrugada, dormir? Que nada! Imaginação de criança...

Fui crescendo, quis ser desenhista, fazer histórias em quadrinhos, minhas brincadeiras de criança com bonecas eram de aventuras no espaço, no mar, florestas e desertos, pouco brincava de papai mamãe ou comidinha, montava casinhas mais sempre tinha uma intriga um mistério a resolver.

Nesta época o jornal Estadão tinha um jornal para crianças chamado “estadinho”, com a turma da Mônica, e teve em um dos fascículos a reportagem sobre marionetes francesas que pareciam vivas, fui me apaixonando por animação de bonecos especialmente marionetes e como ouvia disco de música francesa que tinha uma das faixas como tema musical “Les marionettes na voz do cantor Gilbert”, e ao tocar imaginava as marionetes se mexendo vivas.

4. Biblioteca na Infância e Adolescência

Após aprender a ler, li os livros que até então não sabia ler, e descobri a biblioteca Benedito Barreto de Bastos após um trabalho de escola no ensino fundamental, comecei fazer empréstimos mensalmente e depois quinzenais e minha mãe gostava que eu lhe trouxesse livros que fossem ilustrados, eu era muito detalhista, ficava olhando horas a fio as ilustrações porque elas contam o que as palavras não falam e as letras não escrevem.

Na adolescência ganhei uma amiga que devorava livros, a Quélita Cândido da Silva, íamos juntas quinzenalmente pegar livros emprestados e frequentávamos as duas bibliotecas, a *Benedito Barreto de Bastos* e a *Presidente Kennedy*, que eram próximas que fica em Santo Amaro, e na volta passávamos na doceria e comprávamos pipoca doce

e bala de goma que era o que dava para comprar não era fácil ter dinheiro para ir à biblioteca.

E foi nesta época que não percebi que já estava com problema de visão, não conseguia ler com agilidade os livros, pegava emprestado e não conseguia ler até o dia da devolução e ouvia a frase: *“É que você não pratica a leitura!”* Abandonei as visitas à biblioteca e a leitura foi ficando de lado, somente lia o necessário, as vistas se cansavam e doíam muito.

5. Feche os Olhos e Abra a Boca

Na minha adolescência eu ouvia as pessoas desabafarem, contavam seus problemas, suas histórias de sofrimentos, paixões, causos e fofocas eu pouco falava me chamavam de “boi sonso”. Comecei a frequentar a igreja e a conhecer histórias bíblicas e testemunhos de fé.

Aos 24 anos comecei a ir ao psicólogo, pois precisava de quem ouvisse minhas histórias de vida e tentasse me ajudar a resolver traumas adquiridos no meu primeiro emprego registrado, e não foi tão fácil assim, eu mal falava, só olhava para ele o psicólogo Eric Becker.

6. Graduação e diagnóstico

Tinha desejo de fazer faculdade, porém não tinha condições financeiras e nem quem me ajudasse. Com 26 anos comecei a perder a visão, na verdade me dei conta de que estava a perdendo e aos 28 fui diagnosticada com distrofia de cones, deficiente visual com baixa visão. A medicina explica que esta patologia é devida aos meus pais serem primos em primeiro grau, meu avô paterno era irmão do meu avô materno. Precisava de recursos óticos para ler, e mesmo assim a visão continuava limitada tendo cansaço e dor.

Após treze anos do término do ensino médio fiquei sem ler mais nada a não ser o extremamente necessário devido à baixa visão, aos 32 anos prestei vestibular e passei para Musicoterapia da Faculdade FMU, Em 2010.

Passei a ser ouvinte muito mais que vidente. Mesmo quando tinha visão eu mais ouvia do que falava, queria ser psicóloga, assim trabalharia ouvindo. Com perda parcial da visão comecei a usar a fala, principalmente para contar o que havia ocorrido com minha visão, passei a contar história da minha deficiência.

E talvez por começar a falar mais, percebi que tinha um tom de voz baixo, muitas foram as reclamações de professores, amigos e família para que falasse mais alto.

7. Agente do Brincar, Brinquedista e Brinquesoteca

Comecei a graduação de musicoterapia, após um ano e três meses recebi a bolsa integral. Neste tempo tive também a oportunidade de fazer o curso do agente do brincar, brinquedista e organização de brinquedotecas que me permitiram conhecer um pouco mais do mundo das histórias e especialmente a contação de histórias para crianças com autismo. Também nesta época foi meu primeiro emprego por lei de cota, onde permitiram que aprendesse Braille pela fundação Dorina Nowill para cegos, após reabilitação comecei a usar bengala e óculos escuros.

8. Origami, Teatro Móvel

Meu primeiro curso de contador foi de origami no parque do Ibirapuera com Irene Mitsue Tanabe. Sempre tive um encanto pela cultura oriental. Quando pequena, o pouco que assistíamos de televisão preto e branco da marca colorado, minha mãe assistia filmes japoneses e chineses, principalmente com o ator Bruce Lee. Fiz um curso contação de histórias a distância. Criei então o teatro móvel com várias formas de contar histórias dentro daquilo que eu compreendia como contar histórias, fantoches, marionetes e origami. Tinha como intuito ser um trabalho alternativo com remuneração.

Era muito difícil levar o teatro móvel apesar de móvel era difícil locomovê-lo em vários aspectos, sua estrutura feita de canos de alumínio e com encaixe de cano de PVC, mesmo sendo de material leve, eu só tinha um braço para carregar tudo, já o outro era o da bengala. Não sobreviveu.

9. Clínica Escola de Musicoterapia

O maior impulso para me tornar contadora foi na clínica escola de musicoterapia da FMU, em um caso especial de uma criança com autismo que só consegui ajudar em seu tratamento com a contação de histórias. Nesta época estava trabalhando com uma criança autista no meu novo emprego. Esse processo levou a buscar e a pesquisar as histórias como ajuda na psicologia. Este foi um grande desafio contar histórias para crianças que não tem fantasia.

A história que ajudou na clínica escola foi “Eu sou um explorador”, uma narrativa cheia de aventuras no tempo presente que ouvi no curso de brinquedista e organização de brinquedoteca.

Partiu o interesse para meu artigo intitulado: *A Contação de Histórias Como Ferramenta para Musicoterapia*. Encantei-me com o método da imagem guiada em musicoterapia do livro Definindo musicoterapia de Kenneth E. Bruscia, que em sua prática e constituída de música instrumental e de narrativa guiada.

10. Implantação da Contação de Histórias

Meu trabalho atual é no NEI (Núcleo de Educação Infantil) Paulistinha, escola vinculada à UNIFESP e ao Hospital São Paulo e a SPDM. Quando entrei foi com a promessa de trabalhar com musicoterapia com uma criança com autismo, porém não foi assim, queriam que eu ficasse sentada numa cadeira verde sem fazer nada devido ao

problema de visão e que não tivesse muito contato com as crianças porque poderia trazer riscos para elas.

Durante minha vida sofri vários preconceitos, raciais a partir do momento que entrei na escola e o econômico, na adolescência o religioso, e na fase adulta com a deficiência visual.

Fui atrás de minha demissão por três vezes e me seguraram por causa de lei de cota. Levantei daquela cadeira comecei a contar histórias com brinquedos existentes na sala de aula, utilizando bonecas Barbie e Max Steel. Logo a professora da sala ao lado se interessou e me convidou para contar histórias.

Fui convidada pela professora de teatro da escola para fazer a apresentação da formatura do fim do ano do jardim II, como a velha Cachimbeira que narrava histórias do folclore brasileiro, onde fiquei conhecida pelas famílias das crianças e tornei-me popular na escola ganhando o respeito e o carinho dos pais. Fui convidada, nos anos seguintes para contar histórias para todo o infantil, berçários e fundamental I.

Anos mais tarde me especializei na arte de contar histórias na Pós-graduação *A Arte de Contar Histórias* pela FACON, no polo A Casa tombada, no curso com o mesmo título.

11. Biblioteca Belmont

Estava em busca de material bibliográfico para o meu artigo da graduação e fui até a biblioteca Benedito Barreto de Barros, hoje biblioteca Belmont quando encontrei pela primeira vez uma contadora que não contava com nenhum recurso, somente se utilizava das palavras e das mãos e prendia a atenção de todos, contou a história do *Caso do bolinho e Pitico e Pitoco*.

Nesta época participei de um evento na biblioteca e conheci Ivani Magalhães e a contação com fantoches e música para bebês de 0 a 3 anos.

Andreia Souza contadora de histórias que se utiliza só das palavras e corpo me auxiliou no meu primeiro artigo e indicou o livro “A arte de contar histórias”, de Malba

Tahan. Tendo assim encontrado várias outras possibilidades de contar as histórias e de contação com música. Através dela soube do curso de Pós-graduação que era no bairro do Paraíso em São Paulo. Várias foram as tentativas para ingressar, porém, financeiramente não conseguia, anos depois quando a Pós-graduação passou para A Casa Tombada consegui uma bolsa, ingressando com meu colega de trabalho Ítalo Butzke, que me auxiliava na leitura dos textos.

12. Os Dois “Boca Abertas”.

Após a saída de professora de teatro o professor de arte visual Ítalo Butzke, também deficiente físico, assumiu o cargo.

Ele me convidou para trabalhar com ele. Nesta época eu levava minhas contações de histórias em uma bolsa, diziam que era a bolsa do gato Félix. Eu sofria de uma doença que provocava aumento de peso e fraqueza muscular, no meu caso principalmente nos membros inferiores tornando difícil o caminhar e o subir das escadas.

Uma das grandes dificuldades de contar histórias de sala em sala era o espaço e o avançar das crianças sobre os objetos e era o momento em que as professoras achavam que era para elas saírem e descansar, isso dificultava o meu trabalho.

Não tendo sala e nem forças de ir de sala em sala aceitei o convite do professor Ítalo Butzke e o convidei para contar histórias comigo. Nossos colegas de trabalho, ao ver nossa união profissional, chamavam-nos de “Os dois boca abertas”, julgando a capacidade de dois deficientes.

Iniciamos com as histórias de Pedro Malazarte, utilizando bonecos caricatos. Nós como dupla, me fazia lembrar de quando ouvia os discos do humorista Barnabé e os da dupla de cantores Teixerinha e Terezinha. Tornamos a contação humorística durante seis meses.

Passamos a contar semanalmente com horários para cada turma. Após seis meses utilizamos outro formato de contação, porém era uma imitação de outros

contadores. Eu achava que tinha que ser tudo igualzinho copiava principalmente Bia Beldran, pois eu não tinha um conhecimento amplo antes de entrar na Pós-graduação, isto me trazia limites porque nunca seria igual, entravamos em discussão Ítalo e eu até que comecei a ser eu mesma.

Identifico-me com as histórias populares, indígenas, orientais e de humor. Com recursos próprios, utilizando instrumentos de efeito e música.

Tornamos-nos responsáveis pela parte cultural da escola.

13. Terrorismo

As crianças têm seu mundo fantasioso, dos vilões, o lobo o principal, a bruxa o tubarão, o jacaré e os monstros. A pedido de histórias de Terror desenterrei uma lenda do *Papa figo* (Aninha) que ouvi quando criança desencadeei o terrorismo na escola toda contação tinha o coral unânime: "História de terror!, Histórias de terror!". Tínhamos que barganhar para conseguir contar outras histórias. Com as crianças pequenas não havia nenhum problema em contar estas histórias de terror na verdade não eram histórias de terror, qualquer história em que colocássemos suspense e um "Búuu!", era de terror. Contamos para crianças A Mulher Esqueleto e eles disseram "Ah! Isto não é história de terror". Porém para crianças maiores de 7 anos era muito problemático com reclamações dos pais. Assinei e respondi por essas histórias de terror uma delas foi a história do *Jack Mavaldeza* (a lenda da abóbora do dia das bruxas) da editora Gato Negro.

14. Histórias que Fizeram Histórias

Neste meu percurso de quase seis anos no Nei Paulistinha houve histórias marcantes como:

A dos *Três cachorros encantados* a história com que iniciei meu trabalho como contadora utilizando brinquedos da sala de aula, vesti um dos bonecos com uma capa preta que representava o cocheiro e uma criança disse “Oh! chia, este moneco parece um vampiro!” “Esse príncipe parece o Max Steel”. Conheci esta história na minha infância quando frequentava a biblioteca, em um dos meus empréstimos.

Contei *A Moura Torta*, e com a intenção de que as crianças interagissem com a história disse: “O príncipe pediu para que a princesa subisse no alto da mangueira e ficasse bem quietinha! Que tipo de fruta dá no pé de mangueira?” E todas as crianças eufóricas para responder antes das outras, disseram: “Água!!!”.

Tinha muito medo de contar histórias para bebês e fazia de tudo para fugir, mas uma das professoras do berçário me pegou de jeito. O que eu contaria para bebês? Quando eles me vissem de óculos escuros chorariam sem parar, eles sempre choram com algo diferente. Escolhi a fábula *A Lebre e a Tartaruga*, porém mudei para “o coelho”, era mais conhecido, utilizei uma calimba (instrumento musical) para ser a tartaruga e um cabuletê (instrumento musical) para o coelho. Ao iniciar a história, os bebês que estavam chorando pararam de chorar e todos em silêncio ouviram atentamente. Eu quase não acreditei, a partir daí passei amar contar histórias para bebês, eles só choravam quando eu ia embora, como se pedissem continua contando. Até histórias do bicho papão contei para eles, ao invés de temerem e chorarem, eles riam.

A bruxa Salomé foi a primeira história em que consegui trazer uma das crianças com autismo comigo na contação. Cada ser é único, não eram as mesmas histórias que eu contava para o meu paciente na clínica escola. Após *A bruxa Salomé* outras foram conquistando a sua atenção, *Chapeuzinho Vermelho*, *Pedro Malazarte* e *os três pedidos* e *A bruxa e a horta*.

O Gato Maltez do livro de Malba Taham, primeira apresentação em que as salas viam para ouvir histórias ao invés de ir até elas. Era um compilado de histórias de gato sendo a principal O Gato Maltez e outras histórias como O Gato de Botas e as histórias das músicas Negro Gato e O Gato na Tuba.

A *Senhora Baratinha* ou *O Casamento da Baratinha* foi a primeira apresentação de grande porte em termos de contação de histórias, que contei no Nei Paulistinha. Com o auxílio do professor de artes, montamos todo o espetáculo e confeccionamos os bonecos. A grande dificuldade era a de seguramos os bonecos, pois estava com fraqueza muscular, devido à doença de Cushing, e o professor Ítalo tem uma limitação no braço direito tornando-o deficiente físico, apesar dos pesares foi um espetáculo.

O *Sr. Teófilo*, esta é uma história que foi inventada sobre meu avô pelo meu tio que gostava de inventar lorotas, era criador de anedotas. Ganhou fama na escola e foi para o primeiro congresso de práticas da infância na UNIFESP.

15. As Apresentações

A primeira vez que me apresentei em público fora do NEI Paulistinha foi na biblioteca Belmont, no “Espaço Gourmet”, organizado por Andrea Sousa, imaginava ficar com uma pequena entrada ou licor, mas fiquei com o prato principal. contei o conto japonês *O Sr. Palha*.

Um desafio foi a contação de história da minha formatura de flauta doce pela Sopro Novo Yamara em 2017. Geralmente colocamos a música conforme a história, neste caso, me deram as músicas e eu tinha que contar a história.

Outros universos no mundo da contação de histórias foram se abrindo. Neste universo não há só rosas, tem também seus espinhos, senti a opressão e as dificuldades em termos de ambiente para a contação.

Um desses momentos foi em um buffet que fomos contratados o Ítalo e eu, na Vila Guilherme, onde a festa de dia das crianças era cheia de atrativos e as pessoas não paravam para ouvir e nem ficar em um lugar por mais de alguns segundos.

Outro momento foi no hospital Vergueiro, no evento Outubro Rosa, onde contei nas salas de espera da oncologia. Péssima sensação, o público não recebia as histórias estavam aflitos e temerosos esperando a notícia sobre se tinham câncer ou não, se iam operar ou não, ou se era fase final da vida.

16. Quem Eu Sou

Queria ser musicoterapeuta, mas as portas nesta área nunca se abriram. A contação de histórias estaria em segundo plano.

Relutei muito para acreditar que sou uma contadora de histórias, pois tenho a consciência de que tenho muito que aprender ouvir e contar. Fiz a Pós-graduação com o intuito de me especializar no trabalho e ter mais à agregar a musicoterapia. Já no caso da contação as portas sempre estiveram abertas e escancaradas em minha vida.